

METODOLOGIA EM GEOGRAFIA HISTÓRICA, A PARTIR DA PESQUISA SOBRE A FORMAÇÃO GEOHISTÓRICA DA FAVELA BALEEIRA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

Mariana Machado Tavares¹

¹Universidade Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes (UFF)

E-mail: mmtavares@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-9761-4054>

Resumo

O presente artigo visa apresentar a metodologia empregada em uma pesquisa cujo objetivo geral foi analisar a formação geohistórica da favela Baleeira, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes – Norte Fluminense. Para alcançarmos este objetivo propusemos uma periodização em três momentos, caracterizando cada um deles progressivamente: 1) décadas de 1940-1960: origem; 2) décadas de 1970-1980: expansão; 3) década de 1990 até o presente: configuração socioespacial atual. Desenvolvemos uma análise sincrônica-diacrônica, pois cada período foi caracterizado nas suas especificidades, ao mesmo passo em que observamos as mudanças e permanências de um momento ao outro, partindo de um foco inicial no espaço e um ponto inicial no tempo até uma dada área e ponto no presente. Neste texto, procuramos trazer as contribuições sobre as nossas reflexões acerca da perspectiva geohistórica nas pesquisas e um resumo dos resultados obtidos a partir do nosso estudo sobre a favela Baleeira.

Palavras-Chave: Metodologia; Geografia-histórica; Favela; Território; Campos dos Goytacazes.

METHODOLOGY IN HISTORICAL GEOGRAPHY, FROM THE RESEARCH ABOUT GEOHISTORICAL FORMATION OF FAVELA BALEEIRA IN CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

Abstract

The present article aims to present the methodology used in a research which general objective was to analyze the geohistorical formation of the favela Baleeira, located in Campos dos Goytacazes city, Norte Fluminense region of Rio de Janeiro. In order to meet this target, we proposed a periodization in three moments, characterizing each of them progressively: 1) decades of 1940 -1960: origin; 2) decades of 1970-1980: expansion; 3) 1990s to the present: current socio-spatial configuration. We developed a synchronic-diachronic analysis, because each period was characterized in their specificities, the same step we observed the changes and continuities from one moment to another, from an initial focus on space and a starting point in time to a given area and point in the present. In this text, we intend to bring contributions about our reflections on the geohistorical perspective in the surveys and a summary of the results obtained from our study about the Baleeira Favela.

Keywords: Methodology; Historical geography; Favela; Territory; Campos dos Goytacazes.

METODOLOGÍA EN GEOGRAFÍA HISTÓRICA, A PARTIR DE LA INVESTIGACIÓN SOBRE LA FORMACIÓN GEOHISTÓRICA DEL SUBÚRBIO O BARRIO DE CHABOLAS BALEEIRA EN CAMPOS DE LOS GOYTACAZES – RJ

Resumen

Este artículo pretende exponer la metodología empleada en una investigación cuyo objetivo general era analizar la formación geohistórica del suburbio o barrio de chabolas Baleeira, ubicada en la ciudad de Campos dos Goytacazes- Norte del Estado de Rio de Janeiro. Para lograr este objetivo propusimos una periodización en tres momentos, caracterizando progresivamente cada uno de ellos: 1) décadas de 1940-1960: origen; 2) décadas de 1970-1980: expansión; 3) década de 1990 hasta hoy: configuración socioespacial actual. Desarrollamos un análisis sincrónico - diacrónico, ya que cada período se ha caracterizado por sus especificidades, concomitantemente observamos los cambios y las permanencias de un momento a otro, partiendo de un enfoque inicial en el espacio y un punto de partida en el tiempo hasta un área espacial determinada y un punto en el presente. En este texto, buscamos exponer las aportaciones a nuestras reflexiones sobre la perspectiva geohistórica en la investigación y un resumen de los resultados obtenidos de nuestro estudio sobre el suburbio o barrio de chabolas de la Baleeira.

Palabras-clave: Metodología; Geografía-histórico; Subúrbio; Barrio de Chabolas; Territorio; Campos dos Goytacazes.

Introdução

O presente artigo tem o objetivo de apresentar a metodologia em geografia histórica utilizada na pesquisa sobre a formação geohistórica da favela Baleeira, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. Iniciamos este texto com uma síntese sobre a perspectiva geohistórica, refletindo sobre a importância do tempo nos estudos geográficos e a valorização dos processos históricos nos estudos sobre as cidades e as questões urbanas. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada na realização da nossa investigação geohistórica, com as etapas executadas para a obtenção dos resultados. Desta forma, logo após, trazemos um resumo sobre o que alcançamos a respeito da formação geohistórica da favela Baleeira, como resultado do nosso trabalho.

Investigar sobre a formação geohistórica de uma favela – área ocupada por uma população que fica à margem dos processos de decisão sobre a vida urbana – requer compreender o contexto de estruturação e reestruturação das cidades. Conforme Corrêa, R. L. (1989), o espaço urbano é composto por processos que produzem as formas existentes na cidade. Entre os processos espaciais está a segregação, que produz as favelas, formas que concretizam a resistência de grande parte da população, aliada do direito de habitarem espaços bem estruturados e da possibilidade de escolha do local de sua moradia. Vistas como problemas das cidades, as favelas brasileiras são marcadas, ao longo dos seus mais de

100 anos, por estereótipos. Em contrapartida, os empreendimentos imobiliários, que trazem condomínios de alto padrão, são valorizados como símbolos do progresso, da evolução das cidades e alternativas à violência, costumeiramente relacionada à população favelada. Por isso, procuramos valorizar a voz daqueles que ocupam a favela Baleeira, desde os que, através de suas memórias, nos ajudaram a compreender as origens e transformações deste espaço, até aqueles que passaram a compor a sua história em tempos mais recentes. Desta forma, notamos que um estudo sobre um espaço da cidade – que se constitui em um território marcado por valorizações simbólicas e relações de poder – solicita uma compreensão sobre os processos históricos, valorizando a passagem do tempo com as transformações socioespaciais que apresentam as suas marcas no momento presente.

Para organizarmos a nossa pesquisa, a dividimos nas seguintes etapas: 1) Levantamento bibliográfico, relacionando a prática observada às teorias correspondentes; 2) Busca pelas fontes históricas, a partir das informações obtidas na própria favela e seu entorno; 3) Trabalho de campo, que foi fundamental no direcionamento de toda a investigação e para a obtenção dos resultados. Propusemos uma periodização em três momentos, caracterizando cada um deles progressivamente: 1) décadas de 1940-1960: origem; 2) décadas de 1970-1980: expansão; 3) década de 1990 até o presente: configuração sócioespacial atual. Desenvolvemos uma análise sincrônica-diacrônica, pois cada período foi caracterizado nas suas especificidades, ao mesmo passo em que observamos as mudanças e as permanências de um momento ao outro, partindo de um foco inicial no espaço e um ponto inicial no tempo até uma dada área e ponto no presente.

A Baleeira está assentada sobre um terreno extremamente úmido, que, conforme os moradores mais antigos, já foi um brejo, sendo aterrado diante das ocupações iniciadas na década de 1940. As cheias, em épocas de fortes chuvas, fazem parte da realidade da favela, desde a sua origem – situação agravada com o adensamento da mesma na década de 1970. Além do mais, ela é vizinha do maior cemitério do interior do estado do Rio de Janeiro – o Caju, ao qual os seus moradores têm fácil acesso. Portanto, localiza-se em área indesejada à ocupação convencional, mesmo estando a poucos quilômetros do centro comercial da cidade. Com o decorrer da sua expansão, assim como as demais favelas, passou a ser vista como um problema que precisava ser solucionado, sobretudo com a intensificação do tráfico de drogas – que compõe a sua realidade desde o fim da década de

1960. Esta visão negativa da favela aumenta os estereótipos atribuídos aos seus moradores, que vivenciam cotidianamente o estigma de habitarem um território segregado da cidade.

A perspectiva geohistórica

Segundo Erthal, a geografia histórica é um campo da Geografia que busca metodologias apropriadas e esforça-se em refletir a categoria tempo, “a fim de fornecer subsídios à abordagem espacial e temporal” (2003, p. 30). Portanto, a ela deve ser dado papel fundamental. Em um estudo que envolve a formação de um território na cidade, há que se valorizar os processos históricos, a partir da atuação de diferentes agentes sociais. Segundo Silva (2012, p. 1), “a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem”. Portanto, a geografia histórica busca “realizar uma geografia no tempo, reconstruindo as geografias do passado” (SILVA, 2012, p. 2).

Fernand Braudel (1965) nos alerta que todo estudo sobre uma cidade, qualquer que seja, deve inscrever-se na duração histórica, visto que a sociedade com suas crises, rupturas e dificuldades precisa ser colocada “no movimento, mais ou menos afastado no tempo, frequentemente muito afastado, que anima este complexo” (p. 276). O historiador ainda nos chama a atenção para observarmos as estruturas, pois algumas delas, “por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: embarçam a história, incomodam-na, e assim comandam seu fluxo” (p. 268). O autor ainda nos diz que “cada ‘atualidade’ reúne movimentos de origem, de ritmo diferente: o tempo de hoje data, às vezes, de ontem, de ante-ontem, de outrora” (p. 272).

Tratar o espaço como atemporal é negar a história que tornou possível a configuração deste espaço, assim como seria negar que as dinâmicas deste espaço não podem interferir nos rumos da sua história. Braudel (1965) também nos propõe uma maior valorização dos estudos geográficos, dizendo que é preciso pensar em espaço e realidade social, ao invés de pensarmos apenas em tempo e espaço. O pesquisador nos afirma que “é preciso que todas as ciências sociais, por sua vez, dêem lugar a uma ‘concepção (cada vez) mais geográfica da humanidade (...)’” (p. 293).

Segundo Milton Santos, não há história sem espaço e nem geografia sem tempo, quando ele cita Elisée Reclus: “geografia é a história no espaço e a história é a geografia no tempo” (SANTOS, 2014, p. 50). Para Reclus,

É a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História, e esta nos leva, por sua vez, a um estudo mais aprofundado do planeta, a uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, ao mesmo tempo tão pequeno e tão grande, como o imenso universo (RECLUS, 1985, p. 40).

Reclus ainda afirma que:

Ao meio-espaço, caracterizado por mil fenômenos exteriores, é preciso acrescentar o meio-tempo, com suas transformações contínuas, suas repercussões sem fim. Se a História começa primeiro por ser “toda geografia”, como disse Michelet, a geografia se torna gradualmente ‘história’ pela reação contínua do homem sobre o homem. Cada novo indivíduo que se apresenta, com atitudes que surpreendem, com uma inteligência inovadora, com pensamentos contrários à tradição, se torna um herói criativo ou um mártir: mas, feliz ou infeliz, ele age, e o mundo se transforma. A humanidade se forma e se reforma com suas alternâncias de progressos, de recuos e de estados mistos, das quais cada um contribui diversamente para formar, modelar e remodelar a raça humana (RECLUS, 1985, p. 57).

Reclus (1985) nos alerta que o passado está no presente, pois as causas antigas podem ser encontradas pelo pesquisador “nas correntes ocultas do movimento contemporâneo” (p. 57). Para o autor, “a história da humanidade, no seu conjunto e nas suas partes, só pode, pois, ser explicada pela adição dos meios aos ‘juros compostos’ durante a sucessão dos séculos” (p.59). Reclus conclui sua análise dizendo que “o tempo modifica continuamente o espaço” (p. 60).

Conforme Santos “o espaço é a acumulação desigual de tempos” (2012, p. 2), é o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sendo as ações processos dotados de propósito. Desta forma, “o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima” (SANTOS, 2014, p. 63). Discutindo a relação tempo-espaço na Geografia, Milton Santos afirma que é preciso trabalhar a concretude do tempo, visto que o espaço é concreto. Disto decorre a “empiricização” do tempo, que acontece por meio das técnicas, discursos, práticas, cultura, territorialidade. Ou seja, através dos meios e instrumentos que o ser humano utiliza para realizar a sua vida e criar o espaço, ele torna o tempo concreto. Por sua vez, o espaço revela o acúmulo dos meios de produção, permitindo a determinação de recortes temporais. Nota-se, portanto, que o trabalho com o tempo na Geografia é possível e necessário. Silva (2012, p. 11) afirma que:

Através das periodizações e do estabelecimento de recortes temporais, podemos trabalhar com o tempo de maneira satisfatória, tanto na Geografia Histórica, como na Geografia em geral. A empiricização do tempo através das técnicas permite a datação dos lugares, em uma perspectiva totalmente geográfica (SILVA, 2012, p.11).

Corrêa (2016) nos fala que quanto maior for o interesse do Geógrafo pelo tempo, melhores serão as análises sobre a organização do espaço. O autor nos lembra duas qualificações do tempo: o *chronos* e o *kairos*, afirmando que ambas são úteis ao geógrafo interessado em incorporá-lo em suas análises sobre a organização do espaço. O *chronos* é o tempo mensurável, envolvendo noções como duração, frequência, sequência e ritmo. Já o *kairos* é o tempo da (inter) subjetividade, aquele que não é mensurável, envolvendo valores, práticas e oportunidades. Pensando na importância do tempo para a Geografia, Corrêa (2016) nos apresenta cinco vias ou perspectivas de análise do tempo que o geógrafo pode seguir: herança, memória, projeto, inscrição e trajetória.

Para o autor, o espaço é um acúmulo de formas herdadas, que podem compor uma paisagem poligenética com formas produzidas em diferentes momentos pela ação de diferentes funções. Estas formas permaneceram pela ação da inércia, pela resignificação ou pela refuncionalização. Pela inércia ocorre a continuidade da função na mesma estrutura física construída. A resignificação acontece quando formas antigas mantêm as mesmas funções com novos significados inseridos no presente. Já a refuncionalização se dá quando as antigas formas ganham novas funções, sendo valorizadas no presente. As heranças interessam ao geógrafo pois a organização do espaço “sobrevive e se re-inscreve no presente não mais na sua originalidade, mas transformada” (CORRÊA, 2016, p. 4).

A memória, por sua vez, permite ao geógrafo ingressar nas representações culturais elaboradas sobre o passado. Esta pode ser revelada pela paisagem, que nos remete ao passado recente ou remoto, mas é seletiva e é influenciada pelos atores sociais e por isso, é polivocal, ou seja, traz várias interpretações. A memória também pode ser inventada, pois as cenas da paisagem podem estar impregnadas de símbolos e não revelarem exatamente o passado tal qual ele foi. Os projetos tratam-se das intenções que não foram realizadas no passado e não deixam marcas na paisagem. Podem ser resgatados para a análise de conflitos de interesses que revelam que a organização do espaço é resultado da realização de alguns projetos vitoriosos enquanto outros são arquivados. A inscrição trata-se de uma produção humana, material ou imaterial, no tempo e no espaço. Ela permite a análise da inserção de um processo ou forma em um dado momento do tempo e em uma

dada localização. Por isso, constitui-se na análise sincrônica, que recorta determinado período de tempo, *chronos* ou *kairos*, identificando mudanças e permanências. Exige um olhar do passado e não do presente, mas com as referências teóricas geográficas. E, por fim, na trajetória estão incluídas a periodização espacial e a difusão espacial, que permitem a temporalidade no espaço pelas combinações entre processos e formas, tensões e rupturas, agentes sociais, itinerário, barreiras e agentes receptores. Pela trajetória trabalha-se com a sucessão, pois trata-se das “combinações entre processos e formas que a partir de um foco inicial no espaço e um ponto inicial no tempo, sucedem-se até uma dada área e ponto no tempo no presente ou no passado” (CORRÊA, 2016, p. 8). A periodização não se trata de uma narrativa cronológica, pois, embora trabalhe com a sucessão dos eventos, há uma problematização dos mesmos, considerando-se processos sociais espacializados, originando diferenças espaciais. A difusão espacial trata-se de uma análise diacrônica, sendo selecionado um único item para a análise, “descrevendo assim a temporalidade da dispersão espacial” (CORRÊA, 2016, p. 9). Temos aí, a possibilidade do trabalho com a sincronia ou a diacronia, podendo haver a escolha por uma delas ou pelas duas.

Para Santos (2014), em cada lugar encontram-se a diacronia – como sinônimo de sucessão de fatos nos períodos – e a sincronia – sinônimo da coexistência destes fatos.

Em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem. Este é o eixo das sucessões. Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos. No viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes. Temos, aqui, o eixo das coexistências (SANTOS, 2014, p. 159).

Conforme Estaville Jr. (1991 apud Silva, 2012) existem diversas formas de organizar o tempo para estudar as relações espaciais. Entre elas podemos destacar: o recorte temporal simples; o método retrospectivo ou refletivo; os recortes sincrônicos; as subseções diacrônicas. O recorte temporal simples trata-se da seleção de um tempo particular por sua importância histórica ou pela disponibilidade e significância de fontes materiais sobre o espaço analisado. “Pode se referir a um ano ou um século, e é uma tentativa de recriar o ‘presente histórico’, o presente como existiu em algum momento do passado (SILVA, 2012, p. 7). No método retrospectivo ou refletivo utiliza-se as relíquias do passado que permaneceram no presente. As geografias do passado são recriadas a partir de vestígios encontrados na paisagem atual. Os recortes sincrônicos “são uma extensão do

recorte temporal simples, demonstrando mudanças de um tempo a outro. São a soma de dois ou mais recortes temporais simples” (SILVA, 2012, p. 7). Pode trabalhar com aproximações progressivas, partindo do passado para um período mais contemporâneo, ou aproximações regressivas, de um tempo mais atual para um período mais antigo.

Porém, é possível, segundo Silva (2012) que os recortes sincrônicos sejam unidos diacronicamente, assim como pode-se estudar um padrão analisado a partir do passado ou o desenvolvimento de um padrão do passado até um próximo padrão. Desta forma, se estabelece uma abordagem sincrônica-diacrônica, considerando-se estrutura e processo. Portanto, corre-se menos o risco da perda de informações sobre o processo e sobre os padrões espaciais.

O geógrafo Pedro de Almeida Vasconcelos, propõe alguns caminhos para o trabalho com a Geografia Histórica Urbana (VASCONCELOS, 2009, p. 154-155): 1) Estabelecer uma periodização das longas durações, analisando continuidades e rupturas; 2) Examinar o contexto de cada período, identificando o que ocorreu de mais importante e que aspectos nas diferentes escalas podem ter causado impacto direto ou indireto na cidade, analisando os ciclos econômicos e as questões de ordem ideológica. Aqui podem ser utilizadas fontes primárias e secundárias; 3) Examinar os agentes que contribuíram para modelar a cidade e seus papéis e pesos; 4) Examinar o desenvolvimento espacial da cidade em cada período. Neste caso, as partes das mesmas poderão ser examinadas individualmente. Pode-se aqui tomar como referência a cartografia original e a iconografia, as informações escritas, incluindo as estatísticas, dando preferências às fontes primárias.

Pensando em uma geografia histórica das cidades, Abreu (2016, p. 22) afirma que “não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo”. Por isso, o autor defende a valorização das memórias como forma de recuperar a passado das cidades. Abreu argumenta que muito se perdeu ao não se dar o devido valor ao que as pessoas conheciam sobre as formas espaciais que já desapareceram ou momentos urbanos que já passaram. Portanto, é preciso ouvir estas pessoas que trazem uma memória individual ou coletiva, visto que a memória é um elemento essencial da identidade de um lugar (ABREU, 2016, p. 24). Entretanto, deve-se tomar os devidos cuidados já que a memória individual é subjetiva, ou seja, podemos fazer dela o que bem entendemos. Também é preciso lembrar que na memória individual o espaço pode não corresponder ao da realidade propriamente dita, sendo as localizações

“fluidas ou deformadas, as escalas podem ser multidimensionadas e a referência mais topológica do que geográfica” (ABREU, 2016, p. 25).

Para Abreu (2016) as memórias individuais podem constituir a memória coletiva, que se trata de um conjunto de lembranças construídas socialmente. Contudo, a memória coletiva “retém do passado apenas o que está vivo ou é capaz de viver na consciência de um grupo” (ABREU, 2016, p. 26). A memória coletiva é uma memória compartilhada, que “ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado” (ABREU, 2016, p. 26). Vale ressaltar que a memória coletiva está sempre se transformando e redefinindo-se, pois, o grupo se modifica ou deixa de existir. Quando isto acontece e não se quer perder uma lembrança, a memória é registrada e eternizada, transformando-se em memória histórica. Este registro dá-se na forma de documentos que preservam a memória das cidades nas “instituições de memória”. Mais uma vez, Abreu (2016) nos lembra que o trabalho com as memórias exige cautela, pois coexistem numa cidade inúmeras memórias coletivas, que estão vinculadas ao grupo ou classe que as produziu. Nem todas conseguiram ser registradas. Portanto, os vestígios deixados podem ser apenas fragmentos ligados a estruturas de poder. Porém, não é um trabalho impossível e, sim, necessário e urgente.

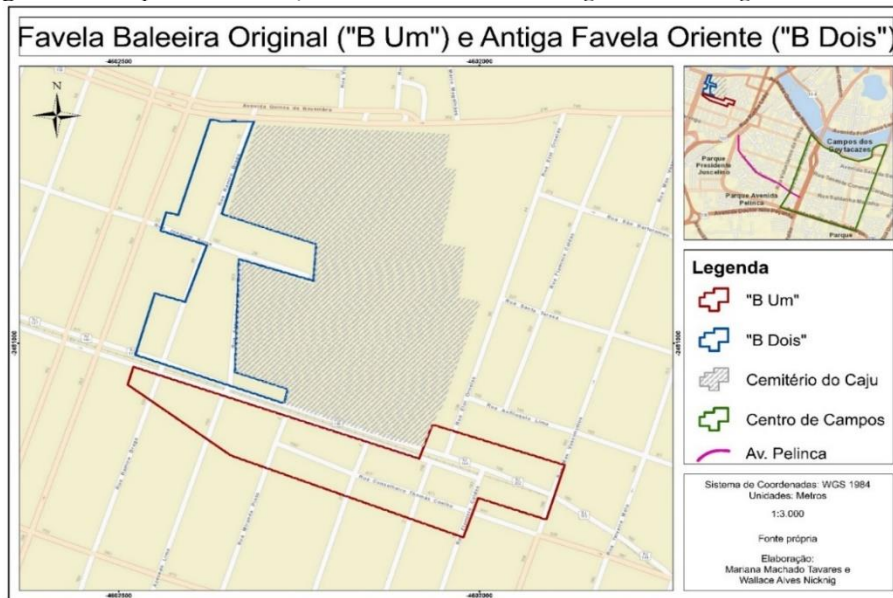
Abreu afirma que as memórias não são neutras, assim como a história não o é. A história vai envolver o contexto em que o pesquisador se insere, o que “influi na forma como ele define e interpreta o fato histórico” (LE GOFF, 1990, p. 9 apud ABREU, 2016, p. 29). Mas, mesmo assim, é por meio da história que “devemos penetrar no difícil campo da memória das cidades, da identidade de um lugar” (ABREU, 2016, p. 29). Contudo, o autor alerta que não podemos dispensar a análise da dimensão única, ideográfica, do lugar, pois para tratar da memória de um lugar devemos trabalhar com a história no e do lugar. Não basta apenas analisarmos a atuação dos processos sociais no espaço, mas também precisamos entender o espaço onde os processos atuaram.

Pensando nestas questões, nos propusemos a escrever a trajetória geohistórica da favela Baleeira, considerando as ações, as relações e as materialidades.

A metodologia na pesquisa sobre a formação geohistórica da favela Baleeira

A favela Baleeira localiza-se na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ, nos parques Leopoldina, Caju e Alberto Torres¹. Seus limites se dão entre as ruas Ramiro Braga e Flaminio Caldas e as Avenidas Presidente Vargas, Quinze de Novembro e Alberto Torres, sendo cortada pela Avenida São Fidélis, onde encontramos uma parte da ferrovia Leopoldina, antigamente controlada pela extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). Esta estrada de ferro servia como um limite entre a Baleeira e a Oriente – favela vizinha comandada por uma facção do tráfico de drogas diferente da que comandava a Baleeira. Contudo, na década de 1990 houve uma fusão, após intenso conflito entre as facções. O comando da Baleeira dominou a Oriente e os moradores do local passaram a chamar esta última de “B Dois”. Por isso, neste trabalho consideramos a área que corresponde a Baleeira original, denominada pelos moradores de “B Um”, e a “B Dois” (Figura 01).

Figura 01. Mapa da localização da Favela Baleeira original e da antiga Favela Oriente



Fonte: Elaborado por Mariana Machado Tavares e Wallace Alves Nicknig

O IBGE (2010) ainda trata a Baleeira e a Oriente como favelas separadas. Conforme o censo de 2010, a população da Baleeira é de, aproximadamente, 468 habitantes, ocupando 147 domicílios particulares. Já a população da Oriente é de 392 habitantes com cerca de 115 domicílios particulares ocupados. A Baleeira e a Oriente estão

¹ Conforme os moradores da Baleeira, em seus endereços consta Parque Leopoldina e Caju, mas pelo Centro de Informações e Dados (CIDAC), mantido pela prefeitura municipal, a área pesquisada é registrada como Parque Alberto Torres e Caju.

entre os 27 aglomerados subnormais registrados na cidade de Campos dos Goytacazes, que, ao todo, possui 15.777 cidadãos ocupando cerca de 4.595 domicílios particulares nestes aglomerados. Tais aglomerados encontram-se nas margens de ferrovias, rodovias, córregos, lagoas e rios, em terrenos desvalorizados pelo setor imobiliário.

A favela Baleeira é uma das favelas do Brasil que expressa na realidade as desigualdades construídas ao longo de processos de apropriação, expropriação, dominação e resistência. Grande parte da sua população é negra e proveniente das áreas rurais ou outras áreas urbanas onde não encontraram condições de moradia adequadas às suas rendas. É uma população que enfrenta a luta diária de garantir o sustento com trabalhos mal remunerados. Portanto, assim como as demais favelas do país, nela habita uma população herdeira de um passado de escravidão, marcado pela ausência de políticas de inclusão dos negros após a abolição.

Observemos na Tabela 01 que a maior parte da população da Baleeira é considerada preta, conforme o último Censo do IBGE.

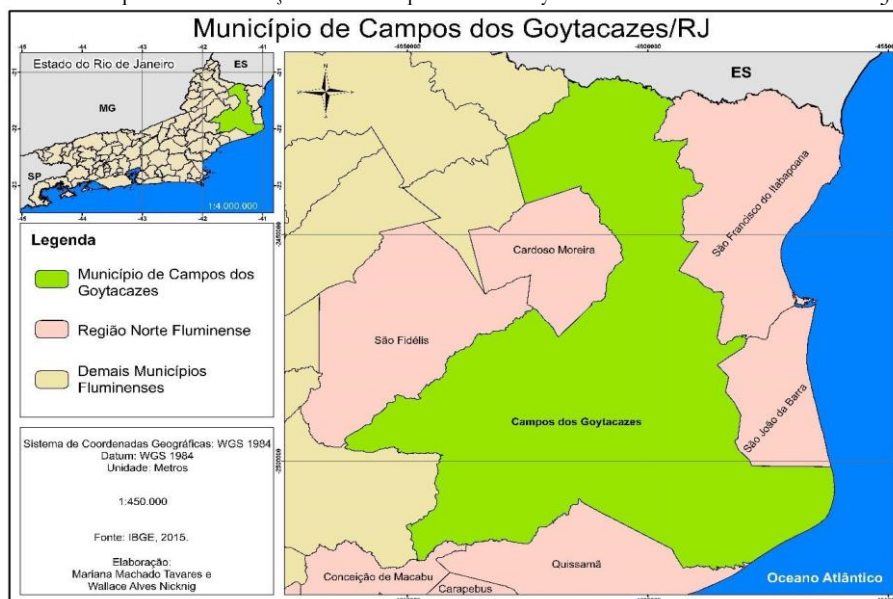
Tabela 01. População residente na favela Baleeira por cor ou raça

População	Preta	Branca	Parda	Indígena	Amarela
Baleeira	253	66	149	0	0
Oriente	164	40	161	0	27

Fonte: IBGE, Censo 2010

O município de Campos dos Goytacazes/RJ está localizado na região Norte Fluminense (Figura 02), abrangendo uma área de 4.026,696 km², o que corresponde a 41,1% da área total da região, sendo o maior município. Conforme dados do IBGE (2010), possui uma população, aproximada, de 463.731 habitantes, sendo 44.980 na área rural e 418.565 na área urbana. Nele encontram-se 14 distritos e a cidade, que recebe a mesma denominação do município, vindo, muitas vezes, a ser chamada, simplesmente, de Campos. O município tem a sua história ligada ao desenvolvimento da agropecuária, sendo o setor primário o principal da economia até meados dos anos 1900, quando a produção da cana de açúcar começou a dar sinais de cansaço, o que a levou a uma crise que modificou a dinâmica da região. Nesta mesma época, trazendo a esperança de um futuro promissor, desponta a exploração do petróleo na bacia campista, conduzindo as elites detentoras do poder administrativo do município se voltarem para a cidade, passando a controlar as rendas petrolíferas e provenientes da máquina pública.

Figura 02. Mapa da localização de Campos dos Goytacazes no Estado do Rio de Janeiro



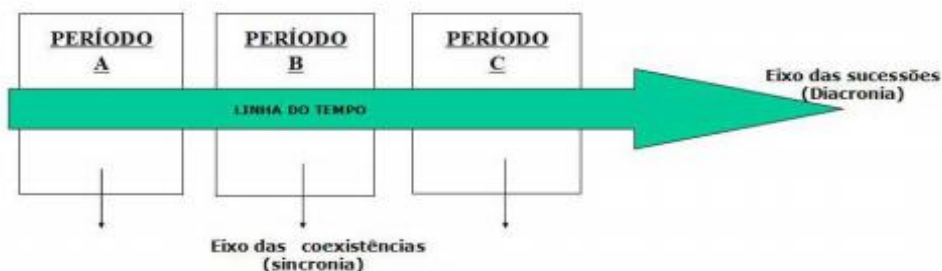
Fonte: Elaborado por Mariana Machado Tavares e Wallace Alves Nicknig

Como já mencionamos, através de uma análise sincrônica-diacrônica, definimos uma periodização da formação geohistórica da favela Baleeira – organizada progressivamente – na qual partimos de um período no passado até o período atual. De tal modo, analisamos as mudanças e permanências em cada período, relacionando com os eventos sociais, políticos e econômicos ocorridos na cidade. Assim, trabalhamos com o que Corrêa (2016) chama de inscrições, visto que estudamos uma produção humana em um tempo e em um espaço. Estamos tratando de uma forma produzida no espaço urbano a partir do processo de segregação socioespacial. De tal modo, fizemos uma análise sincrônica, pois, além de analisarmos cada recorte temporal estabelecido, procuramos compreender as mudanças e permanências de um momento a outro.

Entretanto, também trabalhamos com o eixo das sucessões, através da perspectiva que Corrêa (2016) chama de trajetória, pois analisamos a favela Baleeira a partir de um foco inicial no espaço e um ponto inicial no tempo até uma dada área e ponto no presente. Ou seja, partimos de um padrão do passado (a origem da Baleeira) estudando diacronicamente seu desenvolvimento até um próximo padrão espacial (a configuração socioespacial atual da Baleeira). Nesta trajetória, como nos sugere Vasconcelos (2009), examinamos os elementos da cidade que causaram impactos diretos ou indiretos sobre a espaço, além dos agentes sociais presentes no percurso desta geografia histórica, entendendo o contexto de cada período definido para o estudo. Para isso, trabalhamos com

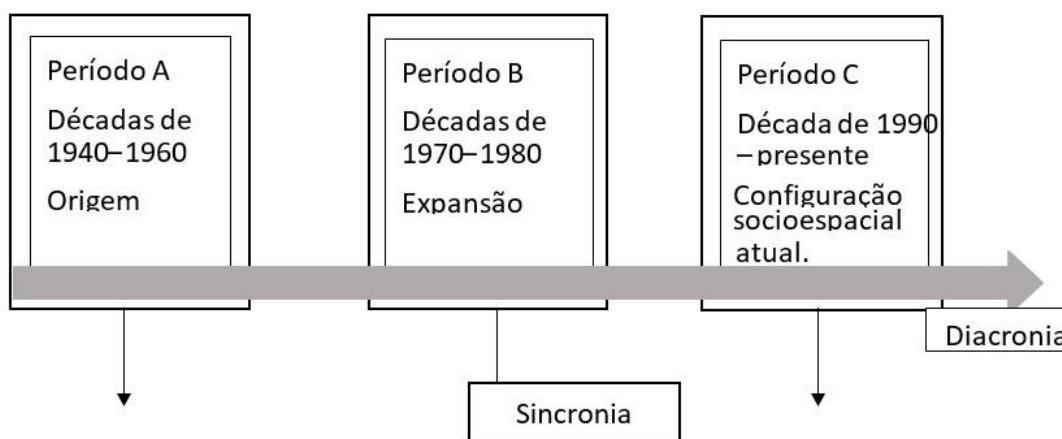
as memórias, ingressando nas representações sobre o passado até chegarmos às características socioespaciais da Baleeira no momento atual. Portanto, neste trabalho estabelecemos recortes sincrônicos unidos diacronicamente (Figuras 03 e 04).

Figura 03. O eixo das sucessões e o eixo das coexistências



Fonte: Silva (2012)

Figura 04. Organização da formação geohistórica da Favela Baleeira



Fonte: Elaborada pela autora com base em Silva (2012)

Buscamos analisar a trajetória geohistórica da favela Baleeira como uma forma espacial derivada de processos que a caracterizaram como espaço segregado, definido e delimitado por e a partir de relações de poder e ações que o territorializam, desde à sua origem – incluindo a ocupação e a demarcação de cada lote, passando pela vivência cotidiana, que envolve diferentes trocas, conflitos e resistência, até a forte influência do tráfico de drogas que interfere na sua dinâmica na atualidade.

O trabalho foi planejado em etapas que se constituíram em: 1) Levantamento bibliográfico, relacionando a prática observada às teorias correspondentes; 2) Busca pelas fontes históricas, a partir das informações obtidas na própria favela e seu entorno; 3)

Trabalho de campo, que foi fundamental no direcionamento de toda a investigação e para a obtenção dos resultados.

Iniciamos a pesquisa com as visitas de campo no local de estudo, juntamente com o levantamento bibliográfico sobre as favelas do Brasil e os conceitos fundamentais para a nossa investigação. Através das informações adquiridas durante as visitas, norteamos a busca pelos documentos históricos, como jornais e registros do Arquivo Público Municipal, da Secretaria de Obras e da Câmara Municipal.

Na primeira visita à favela, utilizamos a técnica do percurso comentado (usada pela antropóloga Catherine Reginensi e o geógrafo Nicolas Bautès (2013) em visitas ao Morro da Providência no Rio de Janeiro), na companhia de uma ex-moradora da Baleeira. As nossas visitas posteriores foram idas à capela D. Bosco (existente na favela desde fins da década de 1960 – Figura 05) – a convite de um dos moradores mais antigos da favela, zelador da referida capela durante muitos anos – ou caminhadas na companhia de alguns alunos do Centro Educacional 29 de Maio que são moradores da favela. Nestas visitas, realizamos entrevistas. Os entrevistados relataram suas experiências na favela e apresentaram suas memórias acerca da formação geohistórica da mesma. Nestas entrevistas também fizemos perguntas relacionadas à identificação com a favela e a percepção que possuem dela no espaço urbano. Foram entrevistas semiestruturadas, permitindo aos entrevistados revelarem seus registros e percepções sobre a favela e falarem sobre os problemas que enfrentam no cotidiano, além da relação com o poder público municipal. Vale ressaltar, que com os idosos estas entrevistas caracterizaram-se mais como conversas, algumas mais longas outras mais curtas. Durante as nossas idas à capela D. Bosco, tivemos a oportunidade de conhecer crianças e outros moradores da favela e do entorno, que frequentam as celebrações ou “batem papo” na frente da capela ao cair da tarde. Mantivemos alguns diálogos informais com estes moradores, o que nos ajudou nas análises e a conhecer melhor o espaço. Também tivemos a oportunidade de observarmos o entorno da capela e a dinâmica da favela à noite e nos fins de semana.

Figura 05. Dia de missa na Capela Dom Bosco – em comemoração ao dia de D. Bosco (16/08/2017)



Fonte: Arquivo pessoal

Fora da Baleeira, entrevistamos jovens estudantes do Centro Educacional 29 de Maio, moradores ou não da favela. Eles puderam falar sobre a sua identificação com o espaço de vivência, os maiores desafios que enfrentam por serem moradores da favela, a sua circulação pela cidade e o tráfico de drogas. Os que não moram na favela, mas residem nos bairros próximos, falaram da sua relação com os moradores da mesma e a percepção que têm do espaço. Entrevistamos, ainda, moradores do entorno da Baleeira que não estudam na escola. Eles transmitiram suas percepções, suas relações com este espaço e os seus habitantes e suas lembranças sobre o local. Também entrevistamos pessoas residentes em locais mais afastados da Baleeira, para identificarmos suas memórias, impressões e ideias diante do que conhecem pela mídia ou ouvem falar. Enfim, nossas entrevistas se dividiram em 4 blocos: com os moradores (jovens e adultos – 10 ao todo – e idosos – 5 ao todo, todos com mais de 70 anos), com ex-moradores (jovens e adultos – 4 ao todo), com moradores vizinhos à favela (jovens e adultos – 8 ao todo) e moradores de locais da cidade mais afastados da favela (jovens e adultos – 6 ao todo). Para conhecermos as percepções das crianças, pedimos a algumas, que também estudam no C. E. 29 de Maio, para produzirem desenhos sobre o seu local de moradia, com elementos que mais gostam e que menos gostam. Através destes desenhos pudemos verificar o olhar delas sobre as ruas da favela, as relações ali estabelecidas, o cotidiano, o lazer e as características das moradias.

Para atendermos ao caráter bibliográfico, fizemos um estudo sobre os diferentes conceitos relacionados ao tema, além da leitura de um vasto conjunto de trabalhos já

desenvolvidos sobre as favelas do Brasil, incluindo as favelas de Campos dos Goytacazes. Nossa pesquisa se fundamenta no conceito de território com ênfase nos aspectos político (espaço delimitado onde se exerce poder) e simbólico-cultural (produto da apropriação de um grupo em relação ao seu espaço vivido), utilizando, sobretudo, as contribuições de Rogério Haesbaert (2014, 2016), Claude Raffestin (1993), Robert Sack (2011) e Marcelo Lopes de Souza (2000, 2005, 2012, 2015) – que também traz uma valiosa contribuição com o conceito de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial (SOUZA, 2000, 2005, 2012, 2015). Consideramos ainda as interpretações de Roberto Lobato Corrêa (2001, 1989), Flávio Villaça (2001), Ermínia Maricato (1996) e Raquel Rolnik (1995) sobre o espaço urbano e intra-urbano, principalmente, em relação ao processo de segregação socioespacial e à formação geohistórica das cidades brasileiras. Pesquisamos obras clássicas e artigos na Geografia, nas ciências sociais e na área de planejamento urbano que discutem as favelas do Brasil e a sua população.

Realizamos uma busca pelos trabalhos apresentados em expressivos encontros de geógrafos pelo Brasil e na América Latina, como o ENG (Encontro Nacional de Geógrafos), o EGAL (Encontro de Geógrafos da América Latina), o SIMPURB (Simpósio Nacional de Geografia Urbana) e o CBG (Congresso Brasileiro de Geógrafos), assim como revistas de Geografia produzidas pelas universidades brasileiras como: GEOgraphia – UFF, GEOUSP – USP, Caminhos de Geografia – UFU, Cadernos de Desenvolvimento Fluminense – UERJ, Raega – o Espaço Geográfico em Análise – UFPR, Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ e GeoTextos – UFBA. Nosso objetivo com esta busca foi identificarmos as abordagens de estudos geográficos sobre as favelas brasileiras e analisarmos de que forma estas vêm sendo discutidas nos últimos quinze anos. Também buscamos publicações de geógrafos brasileiros em revistas eletrônicas que abrangem outras áreas do conhecimento e países.

Para fundamentarmos a nossa investigação geohistórica, recorreremos ao trabalho de pesquisadores que se dedicaram ao estudo de formas e processos da cidade, associando Geografia e História. Entre eles destacamos as pesquisas desenvolvidas por Daniel Carneiro Reis (2015), que discute as favelas como espaços de atuação dos negros; Andreilino Campos (2012), que compara as favelas com os quilombos, como força de resistência; Maurício de Almeida Abreu (2014, 2016 e 2000), que resgatou as memórias das origens das favelas no Rio de Janeiro e tem contribuições fundamentais para um

pesquisador que trabalha com a Geografia Histórica; Marcelo Werner da Silva (2012) e Pedro de Almeida Vasconcelos (2009), com valiosas contribuições sobre os métodos de trabalho com a Geografia Histórica.

Para ampliarmos as informações sobre a favela Baleeira, pesquisamos trabalhos de conclusão de curso de formandos da faculdade de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF)/Campos dos Goytacazes e de Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF)/Campos dos Goytacazes. Ainda buscamos dissertações de mestrado realizadas na UFF/Campos dos Goytacazes, na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e na Universidade Cândido Mendes (UCAM)/Campos dos Goytacazes, que discutem o espaço urbano, a atuação da municipalidade nas políticas de habitação, a crise do setor sucroalcooleiro e a questão da administração das rendas nesta cidade.

Sobre a história de Campos dos Goytacazes, buscamos obras de historiadores tradicionais, como Osório Peixoto Silva, além de estudos realizados por pesquisadores contemporâneos, informações disponíveis no site do IBGE, nos sites da Prefeitura, do Arquivo Público Municipal, da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes e no blog Instituto Historiar – dedicado ao resgate das memórias do município.

A parte documental foi realizada através da busca por documentos históricos que fazem referência à formação da favela Baleeira, o seu cotidiano, a sua configuração no espaço urbano e as transformações ocorridas no município que interferiram diretamente na sua modelação, remodelação e transformação em um território segregado. Estes documentos históricos são fotos, notícias e publicações municipais veiculadas em jornais tradicionais que circulavam pela cidade, entre eles: Monitor Campista, Folha do Povo, A Notícia, A Cidade e Folha da Manhã, disponíveis no Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes. Dos jornais citados, a Folha da Manhã ainda circula diariamente. Pesquisamos estes periódicos de 1945 a 1999.

Para as notícias após este período, buscamos meios de comunicação via internet: Ururau, Terceira Via, Campos 24 Horas, O Diário, Click Campos e Notícia Urbana. Pesquisamos, ainda, deliberações municipais disponíveis no Arquivo da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes. Recorremos, também, ao arquivo da Secretaria de Obras, Urbanismo e Infraestrutura do município de Campos dos Goytacazes para investigarmos a

existência de mapas da área estudada, bem como registros de obras realizadas no local, identificadas pelas notícias encontradas e pelas fontes orais.

Pesquisar sobre uma favela hoje dominada pelo tráfico de drogas requer alguns desafios e cautela. À princípio, é preciso ser reconhecido(a) no espaço e definir bem a finalidade da sua presença ali. É um processo de conquista da confiabilidade dos moradores que não te conhecem e do enfrentamento dos medos e receios. Contudo, o devido respeito reservado ao espaço e às pessoas proporciona uma boa fluidez do trabalho. Por isso, em muitos casos, utilizamos apenas as manchetes das notícias veiculadas nos jornais, a fim de preservarmos a identidade das pessoas.

Um resumo sobre a formação geohistórica da Favela Baleeira: resultado da nossa investigação

A favela Baleeira começou a se formar a partir de 1948, com a construção de barracos de tábuas, em terrenos alagadiços e sem infraestrutura, por habitantes da cidade que desejavam morar próximo ao trabalho, mas não tinham renda suficiente para comprarem imóveis ou pagarem aluguel, ou, ainda, moradores do campo que vinham para a zona urbana em busca de um emprego e uma vida melhor, mas não conseguiam pagar por uma moradia adequada em um local mais estruturado. Conforme os entrevistados, grande parte dos moradores trabalhava no antigo triturador – depósito, oficina mecânica, garagem e local de secretarias, previsto desde 1903 no plano de saneamento da cidade elaborado por Saturnino de Brito para ser local da administração municipal, mas que não teve muito êxito conforme o projeto (BRITO, 1943; FARIA, 2005) e de uma olaria, chamada Olaria do Diogo (localizada ao lado do cemitério, de frente para a ferrovia). Uma notícia do jornal Monitor Campista de 8 de maio de 1957 (MONITOR CAMPISTA, 1957) nos revela que o Parque Leopoldina carecia de infraestrutura e era ocupado por funcionários da prefeitura.

Notícias veiculadas em jornais tradicionais de Campos dos Goytacazes nos dão conta de uma parte do cenário da cidade na década de 1950: evidenciam que Campos vivenciava a expansão de barracos de tábuas, o surgimento de favelas em diferentes locais e a situação de desorganização da estrutura urbana. O jornal Folha do Povo noticiava, em 25 de junho de 1955, a existência de 231 barracões na cidade (FOLHA DO POVO, 1955). O mesmo jornal, assim como o Monitor Campista, alertava para os constantes alagamentos e

desabamentos nas áreas onde estavam estes barracões, em decorrência das chuvas fortes de novembro/dezembro. Nos anos seguintes, as favelas passaram a ser cada vez mais noticiadas, devido à sua expansão.

Estes jornais também noticiavam a grave situação financeira da prefeitura e a baixa produtividade das lavouras de cana, assim como o crescente êxodo rural e a chegada de migrantes de outros estados. As notícias de novembro e dezembro de 1955 afirmam que o prefeito e os produtores rurais buscavam ajuda financeira fora da cidade (MONITOR CAMPISTA, 1955). Ao analisarmos estas notícias, notamos que estes acontecimentos contribuíram para o aumento da população da cidade, bem como os problemas urbanos devido à falta de habitação e infraestrutura nos bairros.

Os entrevistados nos disseram que diante do crescimento da favela, o prefeito João Barcelos Martins (governos de 1955-1959 e 1963-1964), doou terrenos a determinados trabalhadores da prefeitura – geralmente recém-chegados do campo – sendo feita uma drenagem parcial da área alagadiça – complementada em governos seguintes, do prefeito Rockefeller de Lima (1964-1966 e 1970-1974).

Em deliberação municipal sobre a doação de terrenos ao Grupo Espírita Aracy e a Federação Espírita de Umbanda, na Rua Visconde de Alvarenga encontram-se evidências de que uma parte dos terrenos da Baleeira era considerada propriedade da municipalidade ou possuía proprietário particular, pois na confrontação dos terrenos doados há registros deste fato.

Art. 1º - Fica autorizado o Poder Executivo a desincorporar do Patrimônio Municipal, para o fim especial de doar ao Grupo Espírita “Aracy”, a área de terreno compreendida pelos terrenos ns. 97 a 119 da Avenida Visconde de Alvarenga e os de ns. 58 a 82 do prolongamento projetado para a rua Ramiro Braga (2º trecho), desta cidade, cujos terrenos passarão a formar um quadrilátero, indivisível ladeado por 3 logradouros públicos, a saber: pela Avenida Visconde Alvarenga, onde mede 75 metros de comprimento, por outro lado com logradouro projetado e ainda sem denominação, onde mede 73 metros de largura e pelos fundos com terrenos pertencentes a Armando Viana & Cia., numa extensão de 36, 50 metros (DELIBERAÇÃO MUNICIPAL NÚMERO 538, 27/03/1956).

Art. 1º - Fica autorizado o Poder Executivo a doar à Federação Espírita de Umbanda de Campos a área de terreno de esquina da Avenida Visconde de Alvarenga, onde mede 30 metros de frente, com a Avenida 15 de Novembro, medindo 60 metros de fundo, confrontando-se pela frente com terrenos da Associação dos Ex-Combatentes e pelos fundos com terrenos do Patrimônio Municipal (DELIBERAÇÃO NÚMERO 860, 27/01/1959).

Observamos que nos terrenos citados como pertencentes a Armando Viana & Cia e ao Patrimônio Municipal, que ficam, respectivamente, aos fundos do Grupo Aracy e dos imóveis onde se situava a Federação Espírita de Umbanda, hoje existem residências que compõem a favela Baleeira, na Rua Ramiro Braga, paralelas ao muro do Cemitério do Caju. Notamos, assim, que nem toda a área onde localiza-se a favela Baleeira era desprovida de legalidade jurídica.

As notícias das décadas de 1950, 1960 e 1970 (Figura 06) nos revelam que estes terrenos, próximos ao cemitério, sofriam constantes alagamentos na época de fortes chuvas, situação que se agravava com o transbordo do rio Paraíba do Sul. Em 23 de março de 1956, o Monitor Campista noticiava a situação precária da parte mais baixa do cemitério do Caju (MONITOR CAMPISTA, 1956). A referida parte faz limite com a favela Baleeira, o que constata, mais uma vez, que tanto estas áreas do cemitério quanto à favela, desde a origem, são facilmente alagáveis. A rua Elói Ornelas, por exemplo, que compõe o quarteirão do cemitério e liga a Avenida XV de Novembro à Avenida São Fidélis, ainda alaga com qualquer chuva mais forte, ficando as casas mais baixas vulneráveis às cheias.

Figura 06. Manchete de notícia sobre obras para solucionar inundações na favela Baleeira



**Favela da Baleeira terá solução
contra enxurradas: Defesa Civil
apresenta sugestões à Prefeitura**

Fonte: Monitor Campista, 11/10/1968

Além dos alagamentos, outro elemento que marca a geografia histórica da Baleeira é o tráfico de drogas. No final da década de 1960 e durante a década de 1970 a favela Baleeira começa a vivenciar sua expansão e a chegada das drogas. A partir das décadas de 1960 e 1970 as notícias sobre as favelas destacavam o seu crescimento e os apelos para que o poder público resolvesse este “problema” da cidade. Uma matéria do Monitor Campista, de 16 de maio de 1964, diz que a Secretaria de Segurança proibia favelas em Campos (MONITOR CAMPISTA, 1964). Nesta mesma década, são noticiadas ações da prefeitura, em conjunto com a COHAB, para “solucionar o problema das favelas”, como publicações de janeiro de 1966 (MONITOR CAMPISTA, 1966) e março de 1967 (A NOTÍCIA, 1967). Na época, Campos revelava um crescimento populacional significativo. Uma notícia do Monitor Campista de 3 de março de 1968, traz o município como o segundo em maior população do Brasil (MONITOR CAMPISTA, 1968b). Em agosto de 1969, o mesmo jornal falava sobre a ampliação do êxodo rural, que para alguns deveria ser “estancado”

(MONITOR CAMPISTA, 1969b). E, em 14 de outubro deste mesmo ano, o Monitor Campista trazia uma matéria sobre a denúncia de um vereador aos traficantes da cidade (MONITOR CAMPISTA, 1969a). Os meios de comunicação contabilizavam 13 favelas em Campos no ano de 1970 (MONITOR CAMPISTA, 1970), entre elas destacavam-se a Baleeira e a Oriente pelo crescimento e pela falta de infraestrutura (Figuras 07 e 08), ocorrendo casos de doenças, que acometiam, principalmente, as crianças. Em 1972, começa a primeira e a única grande obra, segundo os entrevistados, para resolver o problema das cheias na Baleeira. Os jornais atestam este acontecimento, como o Monitor Campista de 27 de janeiro deste ano (MONITOR CAMPISTA, 1972). As cheias ainda persistem, embora a favela tenha passado por obras de escoamento das águas e calçamento das ruas. Contudo, como muitas casas ainda são improvisadas e carecem de boa estrutura (Figuras 09 e 10), sofrem com os alagamentos.

Figuras 09 e 10. Muros de madeira em habitações da favela Baleeira em 2018



Fonte: Arquivo pessoal

Em meados da década de 1980 intensificava-se o tráfico de drogas em Campos e na Baleeira. E, em 1990, este já estava bastante consolidado, modificando a dinâmica socioespacial das favelas. Ocorreram conflitos e foram estabelecidas regras locais, que atingiram diretamente a vida dos moradores e transformaram a sua relação com os demais espaços e moradores da cidade. As notícias veiculadas nos jornais durante as décadas de 1980 e 1990, trazem, predominantemente, a presença do tráfico, os conflitos dos moradores com a polícia e as tensões entre a Baleeira e a Oriente. O jornal Folha da Manhã, noticia em 11 e 13 de maio de 1990 queixas da população da Baleeira contra policiais (FOLHA DA MANHÃ, 1990). O Monitor Campista de 11 de novembro de 1995 trata os conflitos entre a Baleeira e a Oriente como “guerra” (MONITOR CAMPISTA,

1995). As matérias da Folha da Manhã de 10 e 31 de dezembro de 1997 (Figura 11) também usam a mesma expressão e, em 25 de fevereiro de 1998, o mesmo jornal noticia: “Favela Baleeira toma o poder da Oriente” (FOLHA DA MANHÃ, 1998).

Figura 11. Manchete de notícia sobre a guerra entre as favelas Baleeira e Oriente

Guerra do tráfico entre Baleeira e Oriente faz mais uma vítima

Fonte: Folha da Manhã, 31/12/1997

Para os moradores da favela e do entorno, foi nas décadas de 1980 e 1990 que a Baleeira e as outras favelas da cidade deixaram de ser vistas como ambientes tranquilos, “de paz”, e passaram a ser percebidas como espaços da violência. As memórias acusam esta transformação quando a maioria dos entrevistados afirma que não havia dificuldade para passar pela favela Baleeira e que os moradores do entorno conviviam diretamente com os moradores da mesma. Contudo, segundo às entrevistas, esta realidade foi sendo modificada à medida em que o tráfico se expandia. Os relatos sobre a facilidade de passagem pela favela indicam que ela não era vista como espaço fechado, território violento ou proibido. Mas, hoje, há barreiras físicas, psicológicas e sociais. Há moradores da cidade que afirmam ter medo de “entrar” na favela Baleeira, pelo seu status de violenta, como mostra esta manchete de um jornal da cidade: “Cliente é baleado dentro de bar na favela da Baleeira, em Campos (NOTÍCIA URBANA, 2016).

Foi a partir destes contextos, que organizamos nossa investigação, procurando informações sobre a chegada dos primeiros moradores da favela; as condições de sobrevivência no local; o aumento da população; as estratégias de resistência diante dos desafios; as características dos moradores e sua proveniência; a chegada dos entorpecentes; o início e a expansão do tráfico de drogas; a realidade atual.

Considerações finais

Apresentamos neste texto alguns caminhos que percorremos para investigarmos a formação geohistórica de uma favela, que consideramos como um território segregado da cidade, portanto, invisibilizado. A pesquisa em jornais e arquivos foram de extrema importância para alinhar as informações obtidas nos trabalhos de campo e nas entrevistas. Portanto, por sua vez, as memórias dos moradores da favela e as suas percepções sobre o espaço que habitam são fundamentais para a compreensão da realidade desta área da cidade, podendo ser útil à análise sobre a formação de outros locais urbanos

que apresentam as mesmas características e vivenciam os mesmos conflitos e relações. A pesquisa em geografia histórica requer organização e a combinação entre diferentes fontes, além da valorização das questões sociais e temporais que estão expressas no espaço e não podem ser desconsideradas. Cada parte da cidade é composta de processos históricos, por isso, a geografia histórica tem papel fundamental na compreensão da estruturação urbana e na formação territorial, sendo um campo da Geografia em expansão e primordial no diálogo entre o espaço e o tempo.

Referências

- ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A. et al (Orgs.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. In: FRIDMAM, F. e HAESBAERT, R. (Orgs.). **Escritos sobre espaço e história**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- _____. Construindo uma história do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **Revista GeoUSP**, nº 7, 2000.
- A NOTÍCIA. Favelas no chão, pois a COHAB está construindo casas populares. Campos dos Goytacazes, 04/03/1967.
- BRAUDEL, F. A longa duração. **Revista de História**, nº 62, vol. XXX, ano XVI, Abril-junho de 1965, trad. Ana Maria de Almeida Camargo.
- BRITO, S. **Projetos e relatórios: Saneamento de Campos**. In: Obras completas de Saturnino de Brito. Vol. VI. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- CAMPOS, A. **Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CORRÊA, R. L. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 94, 2016, p. 1-11.
- _____. **Trajetórias geográficas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- ERTHAL, R. Geografia Histórica: Considerações. **GEOgraphia**. Ano V – Nº 9, 2003.
- FARIA, T. P. O papel de médicos e engenheiros na modernização da área central da cidade de Campos dos Goytacazes, no início do século XX. **Anais do XXIII ENANPUH**, Londrina, 2005.
- FOLHA DA MANHÃ. Favela Baleeira toma poder da Oriente. Campos dos Goytacazes, 25/02/1998.

_____. Guerra do tráfico entre Baleeira e Oriente faz mais uma vítima. Campos dos Goytacazes, 31/12/1997.

_____. Comunidade da Baleeira revoltada com a Polícia. Campos dos Goytacazes, 13/05/1990.

_____. PM dá blitz na Baleeira e leva 14 moradores a 111ª DP. Campos dos Goytacazes, 11/05/1990.

FOLHA DO POVO. 231 barracões na cidade. Campos dos Goytacazes, 25/06/1955.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

_____, R. **Viver no limite:** território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010:** Aglomerados Subnormais/ Primeiros resultados.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo:** Ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONITOR CAMPISTA. “Guerra” recomeça na Baleeira. Campos dos Goytacazes, 11/11/1995.

_____. Rua Miranda Pinto terá finalmente suas galerias. Campos dos Goytacazes, 27/01/1972.

_____. 13 favelas com 6.000 habitantes têm até 3 famílias num barraco. Campos dos Goytacazes, 21/05/1970.

_____. Vereador denuncia traficantes que produzem loucos na cidade. Campos dos Goytacazes, 14/10/1969a.

_____. Geremias tem obras para estancar o êxodo rural. Campos dos Goytacazes, 09/08/1969b.

_____. Favela Baleeira terá solução contra enxurradas: Defesa Civil apresenta sugestões à Prefeitura. Campos dos Goytacazes, 11/10/1968a.

_____. Campos é o segundo município de maior população no Brasil. Campos dos Goytacazes, 03/03/1968b.

_____. Prefeito quer resolver o problema das favelas. Campos dos Goytacazes, 08/02/1966.

_____. Secretaria de segurança proíbe favelas, mas não basta: importante é torná-las desnecessárias. Campos dos Goytacazes, 16/05/1964.

_____. Cheio de quiosques o Parque Leopoldina. Campos dos Goytacazes, 08/05/1957.

_____. Reparos. Campos dos Goytacazes, 23/03/1956.

_____. Regressa o prefeito de Campos trazendo recurso para pagar o funcionalismo municipal. Campos dos Goytacazes, 23/12/1955.

NOTÍCIA URBANA. Cliente é baleado dentro de bar na favela Baleeira, em Campos. Campos dos Goytacazes, 28/05/2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Deliberação Municipal**. N. 860. Arquivo da Câmara dos Vereadores. Campos dos Goytacazes: 27/01/1959.

_____. **Deliberação Municipal**. N. 538. Arquivo da Câmara dos Vereadores. Campos dos Goytacazes: 27/03/1956.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RECLUS, E. A natureza da Geografia. In: ANDRADE, M. C. de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

REGINENSI, C. e BAUTES, N. Percursos e travessias no Morro da Providência. *Libertas. Revista da Faculdade de Serviço Social*, 2013, 13 (2), pp.2.

REIS, D. C. Da favela ao estado: espaços e resistências do negro no Brasil. In: **XIX Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Fortaleza/8 a 12 de setembro de 2015**.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SACK, R. D. O significado de territorialidade. In: DIAS, L. C. e FERRARI, M. (Org.). *Territorialidades humanas e redes sociais*. Florianópolis: Insular, 2011.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____, **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, M. W da. A Geografia e o estudo do passado: conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Terra Brasilis (Nova Série)**. [Online]. 1, 2012a. Disponível em <<https://terrabilis.revues.org/246>>. Acesso em 15 de maio de 2017.

SOARES, C. R., NETO, D. F., SIMAS, M. R. R., SANTOS, R. F. dos. **O serviço social na comunidade da Baleeira**. Campos: 1977 (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes/RJ).

SOUZA, M. L de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

_____. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VASCONCELOS, P. A. Questões metodológicas da Geografia Urbana Histórica. **GeoTextos**, vol. 5, n. 2, dez de 2009. P. Vasconcelos. 147-157.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001.

Sobre a autora (Informações coletadas do Lattes em 2019-05-22)

Mariana Machado Tavares

Possui Licenciatura Plena em História (2003) pela Faculdade de Filosofia de Campos dos Goytacazes/RJ, especialização em História Moderna (2004) pela Faculdade de Filosofia de Campos dos Goytacazes/RJ e mestrado em Geografia (2018) pela Universidade Federal Fluminense/Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - Campos dos Goytacazes/RJ.

Como citar esse artigo

TAVARES, M. M. Metodologia em Geografia Histórica, a partir da pesquisa sobre a formação geohistórica da Favela Baleeira em Campos dos Goytacazes – RJ. In: **Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online), v. 04, n. 11, p 27-52, maio/julho/2019.

DOI: 10.35416/geoatos.v04i11.6335

Recebido em: 2019-02-28
Devolvido para correção: 2019-03-12
Aceito em: 2019-05-23